A transformação da museologia pós-pandemia no contexto digital

The transformation of museology in the post-pandemic digital context

Rafael Teixeira Chaves¹

Resumo:

A pandemia impulsionou a virtualização das atividades museológicas, redefinindo a interação com o público no ambiente digital. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação possibilitou a implementação de estratégias como exposições virtuais, webinars e digitalização de acervos, evidenciando desafios e oportunidades para os museus. O artigo analisa esse processo de adaptação, abordando a Museologia do luto, a Cibermuseologia e o impacto das redes sociais na preservação da memória, enfatizando a importância da participação e interação digital.

Palavras-chave: museus; cibermuseologia; memória digital; museologia do luto; tecnologia.

Abstract:

The pandemic accelerated the virtualization of museological activities, redefining public interaction in digital environments. The use of Information and Communication Technologies enabled strategies such as virtual exhibitions, webinars, and collection digitization, highlighting challenges and opportunities for museums. This article analyzes this adaptation process, addressing Mourning Museology, Cybermuseology, and the impact of social networks on memory preservation, emphasizing the importance of digital participation and interaction.

Keywords: museums; cybermuseology; digital memory; mourning museology; technology.

1 Introdução

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2). Como consequência, a rotina das pessoas ao redor do mundo foi alterada devido às medidas de proteção e combate ao vírus, até então desconhecido. Considerando o impacto da COVID-19 no universo dos museus

¹ Museólogo- Graduado pela Universidade Federal de Pelotas-UFPEL. Mestre em Museologia e Patrimônio-UFRGS. Especialista em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico-UNB. Mestre do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural-UFPEL. Doutorando Programa de Pós-Graduação em Museologia UNIRIO/MAST. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0573626421016065>

e na prática museológica entre 2020 e 2022, o texto enfatiza, em especial, as possibilidades de musealização de registros no ambiente virtual e a interação com os públicos, entendendo o espaço digital como um meio de mediação entre museu e visitante.

Esses processos são sustentados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e ocorrem no ciberespaço, que, ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, promoveu transformações significativas nos ambientes museológicos e, sobretudo, nos processos de musealização. Giselle Beiguelman, em artigo publicado em 2020², apresenta uma análise perspicaz sobre a situação dos museus diante dos desafios impostos pela pandemia, evidenciando a necessidade de adaptação rápida das instituições, que passaram a recorrer à virtualização e à tecnologia para manter sua missão de educar, inspirar e estabelecer conexões com o público.

A transformação dos museus em espaços virtuais, a Museologia do luto e a importância da memória na era digital são questões essenciais abordadas no artigo. Em um mundo cada vez mais virtual, os museus enfrentam desafios significativos, mas também têm a oportunidade de se tornarem mais inclusivos e participativos, redefinindo seu papel na sociedade contemporânea.

Durante o período de pandemia, a divulgação dos resultados de duas pesquisas realizadas pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM)³ revelou que 95% das instituições museológicas que haviam respondido às questões da primeira fase da pesquisa foram obrigadas a fechar suas portas para proteger seus funcionários e o público. Como consequência, surgiram relatos de demissões de colaboradores de museus, redução ou extinção de contratos com discussões de serviços temporários, cancelamento ou redução da quantidade de exposições planejadas para o ano de 2021 e até mesmo a ameaça de fechamento permanente de algumas instituições (ICOM, 2020). O órgão concluiu que os museus se revelaram altamente sensíveis às crises.

² Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/04/atropelados-pela-pandemia-museus-rastejam-na-idade-da-pedra-da-internet.shtml> publicado 17 abr. 2020 à 1h00. Acesso em: 01 jan. 2025.

³ O ICOM é um órgão consultivo da UNESCO, criado em 1946. Trata-se de uma organização não governamental que estabelece padrões profissionais e éticos para as atividades do museu. Como fórum de especialistas, faz recomendações sobre questões relacionadas ao patrimônio cultural, promove a capacitação e o avanço do conhecimento sobre museus e para museus e o patrimônio (ICOM, 2020).

2 Museologia do Luto: reflexões sobre Memória, Digitalização e Transformações Culturais Pós-Pandemia

Durante a pandemia, a Museologia enfrentou o desafio de memorializar o luto, criando acervos em homenagem às vítimas da COVID-19 como um construto social em um momento de crise. Esse fenômeno memorialístico no contexto museal se destaca pelo fato de o acervo surgir no espaço virtual e por seu caráter histórico: um acervo nato digital e uma história narrada em tempo presente.

A inserção desses museus nas redes ampliou a visibilidade do museu online e levou os profissionais a repensarem seus acervos, reinventando novas formas expográficas. Essa abordagem resultou em uma expografia Cibermuseal, que assumiu funções tanto informativas quanto interativas, utilizando as redes sociais para estabelecer conexões com o público.

Os museus mais tradicionais já lidam com o tema do luto: de certo ponto de vista, os objetos passam a ter uma nova vida, um novo significado, uma “segunda vida” (Debary, 2010). Sendo assim, neste contexto “os museus desafiam a finitude prometendo a seus ocupantes uma ‘segunda vida como patrimônio’ (kirshenblattgimblett, 1998 *apud* Debary, 2010, p. 3)

Que tipo de luto está em foco neste artigo? Trata-se de um luto em que, devido aos protocolos sanitários impostos pela COVID-19, os rituais de despedida foram interrompidos, limitados pelas circunstâncias e modificaram a vivência do luto nesse período. Diante desse contexto, qual foi o papel dos museus?

Os corpos que vêm perecendo, vítimas de um mal invisível, desaparecendo sem possibilidade de despedida, cremados e destituídos de velório, fazem pensar sobre a própria imaterialidade do luto que permanece mesmo depois das cinzas e que se alastra, com a mesma velocidade de sua causa viral. Esses corpos que têm a sua precariedade evidenciada e televisionada por causa do COVID-19 escondem outros corpos para os quais não há túmulo e nem crematório disponível (Brulon Soares, 2020).

A Nova Museologia introduziu inovações na reorganização teórica e metodológica das experiências museais, trazendo novos conceitos, práticas e modelos de museus. Desde a década de 1960, abordagens mais abertas e participativas, defendidas por alguns teóricos, já vinham promovendo mudanças no comportamento do público e transformando a relação com essas instituições. A Nova Museologia reforçou e impulsionou esses processos. Scheiner (2023, p. 54) defende “Um museu realizado sempre no afeto, plural desde a origem - e que ajude cada indivíduo, cada grupo social a colocar-se em contato consigo mesmo e com todas as realidades que configuram as diferentes dobras do real”.

Em uma época em que tudo é midiaticizado em tempo real, a pandemia da COVID-19 e o consequente isolamento geraram um momento de registro e de criação de acervos em meio virtual – especialmente acervos constituídos acerca da pandemia e do isolamento. É possível que a inspiração para tais acervos tenha sido gerada pela “mania memorial” (Doss, 2008), mas com a utilização das redes sociais e a massificação de conteúdo - e como a virtualidade se move em outro tempo e outro espaço, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (Ricoeur, 2007, p. 15). Candau (2011, p. 151) destaca que “essas memórias deixam traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram”.

A conexão que se dá entre a memória no ambiente virtual/digital e conexões como a do Luto diante do isolamento criou processos de rito *in memoriam* nas redes sociais - como memoriais e postagens onde as famílias se despediam dos seus entes, e os seus seguidores expressavam palavras de conforto.

Como reflete Philippe Artière (1998, p. 25), “arquivar a permanente deslocamento. Pode-se então dizer que nenhum objeto ou dobra do real “possui” musealidade: ela é sempre um valor atribuído (Scheiner, 2023). Aqui, a musealidade não é um valor intrínseco, mas algo que pode ser atribuído a objetos, fenômenos e registros do real. Esse processo varia conforme o tempo e o espaço, permitindo que diferentes grupos sociais atribuam novos significados a itens considerados “musealizáveis”. Com a ampliação da taxonomia para distintos domínios, regras e práticas, a concepção de musealidade ultrapassa a simples coleção e conservação, abrangendo áreas como patrimônio, educação, desenvolvimento social e outros campos.

Na Cibermuseologia, busca-se renovar e atualizar os espaços museais por meio da valorização da tecnologia digital e da universidade, dando maior visibilidade a temas relevantes da cultura digital e da educação científica. Já a Museologia cibernética, também denominada criteriosa, centra-se na compreensão dos diferentes tipos de espaços digitais e na sua contribuição para o ambiente virtual, bem como na relação entre espaços culturais da sociedade tradicional e contemporânea. Esse processo enfatiza a interdisciplinaridade, a produção inovadora e a reflexão crítica, visando democratizar o acesso à informação nos museus, além de ampliar as possibilidades de acessibilidade, contribuição e aprendizado.

Da mesma forma, a tecnologia digital deve estar integrada ao campo da história e do patrimônio, viabilizando exposições sobre temas anteriormente pouco abordados e expandindo o conhecimento a partir de novos recursos, além de criar novas plataformas de interação. No entanto, ainda “esquecemos mais do que lembramos” (Candau, 2011, p. 16). Apesar da ativação da memória por meio das redes sociais, a efemeridade se mantém constante: assim como

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 44-56, jul./dez., 2024

criamos discursos, rapidamente os esquecemos diante das incessantes atualizações. Esse movimento contemporâneo de salvaguarda evidencia o papel das instituições de memória na coleta e preservação, num esforço contínuo para lembrar e registrar a memória da pandemia.

A memória e a lembrança nas redes sociais são mediadas destacando novas formas de espaços de memória e de contextualizar a sociedade atual. Recuero (2012) destaca que:

O computador, mais do que uma ferramenta de pesquisa, de processamento de dados e de trabalho, é hoje uma ferramenta social, caracterizada, principalmente, pelos usos conversacionais. Isso quer dizer que os computadores foram apropriados como ferramentas sociais e que esse sentido, em muitos aspectos, é fundamental para compreensão da sociabilidade na contemporaneidade (Recuero, 2012, p. 21).

A materialidade e a imaterialidade pertencem às substâncias e às coisas. Já a informação e o conhecimento situam-se na dimensão do acontecimento e do processo. A desterritorialização, o desprendimento, a elevação à problemática e a não particularidade são características inerentes à virtualidade. Para refletir sobre o conceito de memória virtual e imagética no espaço museal, em um contexto de virtualidade, onde o objeto se torna virtual, a proposta expográfica se reinventa na forma como comunica os acervos. Essa potência, já amplamente utilizada por museus, foi intensificada com a pandemia. Esse fenômeno marca uma significativa transformação museológica entre o período pré e pós-pandêmico: os museus reconfiguram suas formas de conexão com o público, promovendo novas interações. Bauman comenta que; O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para condensar-se em laços. [...] os contatos exigem menos tempo e esforços para serem estabelecidos, e para serem rompidos (Bauman, 2004, p. 39).

A visualidade é muito forte e necessária nas redes sociais: entende-se aqui o uso da fotografia como elemento de memória na virtualidade, pois “a fotografia é um dos componentes do funcionamento desta sociedade intensamente visual e intensamente dependente da imagem” (Martins, 2008, p. 36). A fotografia virtualizada tem outro tipo de materialidade, seja pela imagem ou pelo discurso sobre ela empregado nas redes sociais. Portanto: A fotografia nutre a sua interpretação por uma contínua remessa do real, que não se deixa congelar, que não interrompe o seu fluxo e que, por sua vez, agrega e redefine significações ao que só aparentemente é um “congelamento” de imagem e, nesse sentido, um “retrato” da sociedade em certo momento (Martins, 2008, p. 37). Sobre a imagem, Bergson afirma: [...], mas nossa lembrança continua em estado virtual; dispomo-nos assim apenas a recebê-la adotando a atitude

apropriada. Pouco a pouco aparece como que uma nebulosidade que se condensa; de virtual ela (lembração) passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção (Bergson, 1999, p. 156).

São considerados patrimônio digital tanto os acervos documentais digitalizados e os registros fotográficos digitais de monumentos e patrimônios, quanto os repositórios que armazenam e gerenciam esses materiais, assim como os lugares de memória mencionados por Pierre Nora (1993) e Gonçalves Guimarães e Bittar (2013). Poulot (2013) afirma que o patrimônio se configura como um princípio subterrâneo e uma manifestação autoproclamada de um trabalho social e intelectual. Apreender o gesto patrimonial dentro da história social e cultural implica refletir sobre os recortes e os “enquadramentos” que o definem, em uma relação sempre complexa com suas estruturas organizativas.

No contexto museológico, o patrimônio digital pode incluir tanto a digitalização de acervos documentais e registros fotográficos de monumentos e patrimônios quanto os repositórios responsáveis por sua gestão e preservação. Para Dodebei (2005, p. 47), “o patrimônio, portanto, deve ser compreendido como o conjunto de informações que caracterizam as ordens de significado dentro de um grupo, povo ou nação”.

A própria concepção de patrimônio na virtualidade se transforma: o patrimônio musealizado passa por processos de Cibermusealização, sendo virtualizado e adaptado para formatos compatíveis com as redes sociais. Assim, os museus assumem o papel de espaços de registro e de criação de conteúdo expográfico Cibermuseal.

Para pensar a Cibermuseologia aplicada à cultura digital é fundamental o aprofundamento nas questões que envolvem interdisciplinaridade e reflexão crítica, com a perspectiva de debater bem a democratização do Museu, movimento que vai ao encontro do exposto por Scheiner: O museu que independe de um espaço e de um tempo específicos, mas que se revela de modos e formas muito definidas como espelho e símbolo de diferentes categorias de representação social. Compreender que Museu (fenômeno) não é o mesmo do que um museu (expressão limitada do fenômeno) permite-nos aceitar que ele assuma diferentes formas; permite-nos, ainda, prestar atenção às diferentes ideias de Museu, presentes no universo simbólico dos diferentes grupos sociais (Scheiner, 2008, p. 43).

Nesse sentido, os museus vão se reconfigurando conforme a sociedade vai se modificando e ampliando a capacidade de percebê-los com base no pensamento crítico. O construto multimuseal proporciona um novo olhar sobre as ações museológicas, ampliando seu repertório. Isso implica revisão das práticas, para que sejam direcionadas a ações inovadoras de aprendizado, de acordo com os novos conceitos inseridos no universo museal contemporâneo,

tal como ocorre com a Cibermuseologia. Scheiner salienta o papel dos emissores e receptores do/no discurso dito “museal”:

Deveria também ser reanalisada a eficácia discursiva dos museus na sociedade contemporânea, especialmente no período atual, que ousamos considerar como de “pós-pandemia”: emergindo das contingências impostas pela COVID-19, museus de diferentes países buscam redimensionar suas narrativas - ou, em alguns casos, consolidar as narrativas desenvolvidas nos últimos anos e julgadas ainda atuais (Scheiner, 2023, p. 14-15.). É necessário repensar o fenômeno, ainda recente, no campo comunicacional e intimamente relacionado ao desenvolvimento das tecnologias digitais, assim como outros temas — como o despreparo para o uso da virtualidade, a falta de conexão com a internet e o acervo virtual tratado como "objeto", e não apenas como fonte informativa — que vêm sendo abordados pela Museologia e pelos museus desde, pelo menos, a segunda metade do século 20.

E mesmo assim é preciso cuidado ao abordar este último tema: em trabalho recente já havíamos comentado que a Museologia contemporânea está impregnada por uma continuada retórica sobre a conectividade, que se apresenta sob a forma de discursos reiterativos sobre a conexão, as redes e a necessidade de os museus ‘se modernizarem’, aderindo às novas tecnologias. Essa retórica se irradia desde a Academia e contamina os museus, muitos dos quais se sentem praticamente compelidos a adotar dispositivos e procedimentos certificados como ‘atuais’ no cenário das práticas culturais (Scheiner, 2023, p. 13 *apud* Scheiner, 1998, p. 23).

Scheiner (2023, p. 16) pondera ainda que o uso das TICs deve ser incorporado com muita cautela ao universo museal: é preciso examinar onde, quando e como elas vêm influenciando no desenho de novas teorias e na implementação de novas práticas relativas aos museus. “Passadas quase quatro décadas do uso generalizado dos dispositivos digitais, sabemos que eles hoje estão presentes em todos os aspectos de nossas vidas - e isso naturalmente se estende aos museus” (Ibidem).

No início do século, Castells já indicava os museus como “agentes de conectividade”, com protocolos interidentitários capazes de transformá-los em “conectores de diferentes temporalidades, traduzindo-as a uma sincronia comum” (Castells, 2001, p. 12 *apud* Viana, 2016, p. 5). Scheiner reflete sobre a ressignificação desses processos: “os museus vêm atravessando “complexos processos de ressignificação, buscando adequar-se aos modos de ser do indivíduo contemporâneo” (Scheiner, 1998, p. 183), sendo preciso ter em conta, sempre, que “nem tudo o que se realiza nas redes deverá necessariamente ser incorporado ao âmbito museal” (Scheiner, 1998, p. 182); e mesmo quando isto acontece, a incorporação pode se dar por meio de processos efêmeros, com movimentos descontinuados e muitas vezes contraditórios, que

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 44-56, jul./dez., 2024

cruzam transversalmente o universo dos museus (Scheiner, 2023). O papel social destas instituições como fonte de interação e lugar de memória é composto pelos processos de reciprocidade relacionados com as instituições (arquivos, bibliotecas e museus), o contexto social mais amplo ao qual elas pertencem, os públicos que as utilizam ou se relacionam com elas, e as dimensões simbólicas envolvidas nesses processos (Araújo, 2014).

Os museus, como instituições de memória, não podem ignorar a transformação cultural provocada pela Cibercultura. Nesse contexto, a “rede” se torna um instrumento fundamental para os museus, seja para divulgar seus acervos, permitir o acesso às exposições ou receber o retorno do público. Essa nova forma de autobiografia, um registro de si, pode ser vista como um lugar ou repositório de memória individual na virtualidade, mediado pelas tecnologias digitais. Esse processo viabiliza a mediação entre os objetos musealizados no ambiente virtual, permitindo que cada visitante interprete as informações sobre os acervos documentais da instituição.

Brulon Soares destaca que o Museu é um reflexo material de como as sociedades lidam com as reformulações do passado no presente. Mas a Museologia só serve para fazer viver, quando atua pela valorização da própria vida, isto é, contra a necropolítica que produz a desigualdade do direito ao luto e no combate a doenças que atingem não apenas a vida individual, mas também o mais viver em sociedade (Brulon Soares, 2020).

A pandemia de COVID-19 foi um marco para a sociedade e para diversas áreas, e a Museologia não foi exceção. Este evento, ainda sem precedentes, pode oferecer importantes indicadores sobre como será a atuação pós-pandêmica nos museus. Observa-se que os museus brasileiros estão mais conectados e buscando formas de comunicação em plataformas e suportes que anteriormente eram pouco explorados. Mas, de que maneira esse evento e seus fenômenos já estão sendo esquecidos? Beiguelman resume em poucas palavras o que já é visto nas redes: “há quem diga que a Coronavida poderia ser pior. Poderia não ter memes, a dádiva da Internet no tempo das redes sociais. É fato que quem vai contar a história dessa nossa Coronavida são os memes” (Beiguelman, 2020, p. 35). Hoje os memes estão por um lado suprimindo a lacuna deste tempo pandêmico em que fomos devastados e inseridos nas telas e conectividades para tudo. E pondera sobre o futuro pós-pandêmico: Bruno Latour disse que “a última coisa a fazer seria voltar a fazer tudo o que fizemos antes” (Latour, 2020 *apud* Beiguelman, 2020, p. 35). Mas talvez o futuro da pandemia já tenha se tornado presente. E a primeira coisa a fazer seria não deixar que a Coronavida se torne o nosso depois. A função social destas instituições como fonte de interação e lugar de memória é composta pelos processos de reciprocidade relacionados com as instituições (arquivos, bibliotecas e museus), o contexto social mais amplo

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 44-56, jul./dez., 2024

ao qual elas pertencem, os públicos que as utilizam ou se relacionam com elas, e as dimensões simbólicas envolvidas nesses processos (Araújo, 2014).

Ao entender o museu na virtualidade como um espaço simbólico aberto a novas formas e expressões, os profissionais de museus devem ser observadores atentos, capazes de perceber os acontecimentos ao seu redor, para aplicar a Museologia que posiciona o Museu como um campo de potência para a reflexão social e política, atuando a partir de suas diversas manifestações. O objetivo é compreender profundamente os contextos e as razões que as sustentam. Esse movimento é crucial para fortalecer o Museu como síntese das múltiplas realidades socioculturais, tanto do passado quanto do presente, além de atuar como instância de legitimação e reconhecimento da diferença, empatia e participação social.

3 Considerações Finais

Quando se pesquisa sobre a COVID-19, encontramos principalmente números e impactos econômicos e materiais, mas pouco se fala sobre o aspecto social, como o registro de quantas famílias perderam seus entes queridos, quantas pessoas foram enterradas em covas coletivas. Podemos refletir sobre o pós-pandemia diante disso: o que estamos querendo lembrar e o que estamos querendo esquecer? Em um tempo e espaço totalmente conectados, onde as tendências do momento suprem informações em tempo real, é fundamental compreender melhor que tempo é esse e refletir sobre o luto neste "tempo online", onde estamos 24 horas conectados.

Em 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a pandemia de COVID-19 deixou de ser uma emergência de saúde global, decretando o fim da pandemia. Nesse contexto, a virtualidade se torna um espaço de reflexão e discussão sobre objetos musealizados, à medida que incorpora novas dinâmicas que vão além da simples preservação dos objetos. Além disso, o uso das redes sociais facilita uma cultura de compartilhamento, tornando a plataforma digital um espaço de experimentação para museus. Assim, ocorre uma mudança paradigmática nos formatos dos museus, que assumem funções além dos locais de contemplação.

Como espaços de memória, os museus não podem ignorar essa transformação cultural provocada pela Cibercultura. Nesse sentido, a “rede” se torna uma ferramenta importante para os museus, seja para divulgar seus acervos, permitir o acesso às exposições ou receber o retorno do público. Essa nova forma de autobiografia, um registro de si, pode ser vista como um lugar de memória ou um repositório de memória individual na virtualidade, mediado pelas Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 44-56, jul./dez., 2024

tecnologias digitais, que facilitam a mediação entre os objetos musealizados no ambiente virtual, permitindo que cada visitante faça sua própria interpretação das informações sobre os acervos documentais da instituição.

A pandemia de COVID-19 trouxe à tona desafios e transformações profundas em diversas áreas, especialmente na Museologia. Em um cenário de distanciamento social e restrições físicas, os museus precisaram se reinventar, adotando tecnologias digitais e plataformas virtuais para continuar a cumprir sua missão de preservar e compartilhar o patrimônio cultural. A virtualização dos acervos e a interação digital com o público se tornaram fundamentais, permitindo que os museus se conectassem de forma inovadora e acessível com uma audiência global.

O conceito de memória também passou por uma reconfiguração. Durante a pandemia, os museus assumiram um papel ativo na memorialização do luto, criando acervos digitais dedicados às vítimas do vírus. Esses processos revelaram não apenas a capacidade de adaptação das instituições culturais, mas também o poder da virtualidade como um espaço de preservação da memória coletiva. Contudo, como apontado ao longo da análise, surge uma importante reflexão: o que estamos querendo lembrar e o que estamos querendo esquecer? O uso das tecnologias digitais permite não só a recordação, mas também a construção de novos significados, ampliando a possibilidade de cada visitante interpretar e interagir com os objetos de forma única.

Porém, a pandemia, além de acelerar a virtualização dos acervos para o ambiente online, deixa uma grande questão para a Museologia contemporânea: os conteúdos digitais criados durante esse período podem ser considerados acervos digitais? Essa reflexão surge diante da multiplicação de documentos e registros virtuais, que embora representem objetos e acontecimentos significativos, desafiam as práticas tradicionais de musealização e o entendimento do que constitui um acervo no sentido clássico da palavra. Seriam essas produções digitais efêmeras ou podem ser reconhecidas como parte integrante do patrimônio cultural contemporâneo? Essa dúvida abre um novo campo de discussão, que exige uma revisão das abordagens sobre o que constitui o patrimônio no cenário digital.

O papel da Cibercultura, enquanto motor dessa transformação, não pode ser subestimado. A "rede" e as plataformas digitais emergem como instrumentos essenciais para os museus na construção de um novo modelo de interação, onde as exposições digitais não se limitam ao espaço físico, mas ganham uma nova dimensão. Essa dinâmica coloca os museus como agentes de democratização da memória, ampliando o acesso à informação e possibilitando um espaço mais inclusivo e participativo para a sociedade.

A reflexão sobre a virtualidade, a memorialização e o papel dos museus na sociedade contemporânea exige uma visão crítica sobre os tempos atuais. A pandemia mostrou que a memória não é algo estático, mas um processo contínuo, dinâmico e sujeito às novas formas de comunicação e preservação. Em um mundo cada vez mais conectado, é fundamental que os museus continuem a se adaptar, a repensar suas práticas e a abraçar as novas tecnologias para garantir que a memória, em suas múltiplas formas, seja preservada e compartilhada de maneira acessível e inclusiva, agora e no futuro.

Referências

ARAUJO, I. M. M. *Saúde e desenvolvimento no Brasil: o pensamento de Mário Magalhães da Silveira e de Josué de Castro*. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 21, p. 9-34, 1998.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEIGUELMAN, G. *Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana*. São Paulo: Escola da Cidade, 2020.

BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRULON SOARES, B. Museus pandêmicos: apontamentos a partir de uma museologia do luto. *Revista Museu*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8487-museus-pandemicos-apontamentos-a-partir-de-uma-museologia-do-luto.html>. Acesso em: 30 maio 2023.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DEBARY, O. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27-45, ago./nov. 2010.

DOSS, E. *The emotional life of contemporary public memorials*. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2008. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/35289>.

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 44-56, jul./dez., 2024

Acesso em: 28 maio 2023.

DODEBEI, V. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. *O que é memória social*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

GONÇALVES, J. R.; GUIMARÃES, R.; BITAR, N. *A alma das coisas: patrimônios, materialidades e ressonâncias*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. *Dados para navegar em meio às incertezas: parte II – resultados da pesquisa com públicos de museus*. [s.l.]: ICOM, 2020. Disponível em: http://www.icom.org.br/wpcontent/uploads/2020/11/20201119_Tomara_ICOM_Ciclo2_FIN_AL.pdf. Acesso em: 28 maio 2023.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. *Destination culture*. Los Angeles: University of California Press, 1998.

LIMA, D. F. C. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 42, n. 3, p. 379-398, set./dez. 2013.

MARTINS, J. S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POULOT, D. *Museu e museologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução Alain François. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RECUERO, R. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHEINER, T. C. *Apolo e Dioniso no templo das musas*. Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998. 152f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SCHEINER, T. C. O museu como processo. *Cadernos de diretrizes Museológicas 2: mediação em museu: curadorias, exposições, ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

SCHEINER, T. C. Prólogo: Museologia, patrimônio, narrativas do real. O que dizem, hoje, os museus? In: MAGALHÃES, F.; DA COSTA, L. F.; HÉRNANDEZ, F. H.; CURCINO, A. (Coord.). *Museologia e patrimônio*: volume 10. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria, 2023. p. 12-62.

SCHEINER, T. *Sessão de orientação* [não publicado]. Rio de Janeiro: [s. n.], 2023.

VIANA, K. M. *O fenômeno gatekeeper: museologia, compartilhamento e conectividade*

hibrida na sociedade global. 2016. 104f. Dissertação (Mestrado em Museologia Patrimônio) - Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2016.